

1. LA LHÉNGUA MIRANDESA, UA LHÉNGUA DE PERTUAL Amadeu Ferreira

1. Un punto de la situación

Adonde ye falada

La lhéngua mirandesa ye falada na parte mais a Nordeste de Pertual, l çtrito de Bergância, ne concelho de Miranda de l Douro, afuora dues aldés (Atanor i Teixeira) i la cidade, i an dues aldés de l concelho de Bumioso, Bilasseco i Angueira, nua ária al redror de 500 Km2. Sabe-se que yá tenerá sido falada nua region mais grande, mais ou menos la region que queda antre ls rius Sabor i Douro i la frunteira cun Spanha. An toda essa region inda hoije ancontramos restos ne falar de las pessonas i, subretudo, nes chamadeiros (toponímia) i an algues tradiciones culturales como ls pouliteiros, dança que agarra ua region de Trás-ls-Montes muito mais lharga do que Miranda al contraio de l que pénsan las pessonas.

Ls falantes de mirandés son bilingues, fálán mirandés i pertués. Las dues lhéngas ténen eisistido al lhargo de sieclos nua cumbibença mais ou menos pacífica, sendo l pertués ousado an muitas situaçones de to ls dies (amprego, scuolas, repartiçones públicas, etc.) i l mirandés mais ousado na família, antre bezinos, mas nunca cun pessonas stranhas. Até hai mi pouco tiempo las pessonas cunsiderában que l mirandés era un pertués mal falado, anque ls mirandeses siempre téngan tubido cuncência de que la sue fala era ua lhéngua defrente.

D'adonde ben

La lhéngua mirandesa ye ua lhéngua románica, cun ourige ne lhatin, pertenciente al ramo de las lhénguas astur-leonesas. La sue formacion ampeçou lhougo apuis la caida de l ampério romano i eibeluiu a la par de ls outros romances de la Península Eibérica, que dórún ourige a outras lhénguas, como l pertués, l castelhano i l catalan.

Ye possible que até als sieclos XIII-XIV fazisse parte dun *continuum* lhenguístico que, mais ou menos, correspondie al antigo Reino de Lhion. Zde l sieclo XI que ancontramos decumientos scritos an lhionés, nua lhéngua yá mui acerca de l mirandés d'hoije. Son subretudo ls decumientos de ls mosteiros lhioneses de Moreiruola i San Martin de Castanheda.

Mas zde la fundacion de la nacionalidade pertuesa que la lhéngua mirandesa ten bibido nua situaçon dun eizolamiento, anque deba de dezir-se que outros dialetos astur-lhioneses, defrentes de l mirandés, son falados nas aldés raianas de l concelho de Bergância, Guadramil i Rio d'Hounor. Por esso, podemos dezir hoije que stamos delante dun anclabe lhenguístico.

Hojie l mirandés i la lhéngua asturiana, cuntinando a ser lhénguas cun lhaços stóricos, aperséntan amportantes anfluenças de l pertués, ne caso de l mirandés, i de l castelhano ne caso de l asturiano. Assi i todo, cunsidra-se que hai grandes parecências antre l mirandés i l chamado asturiano ocidental. Anque esso se çcuta, hoije l mirandés cunsidra-se cumo ua lhéngua defrente de l asturiano.

Porto, 19 de Outubro de 2002
Amadeu Ferreira

2. El matrimonio y la mujer en el refranero portugués Sinopsis Ana M^a Díaz Ferrero

O adagiário constitui uma das manifestações linguísticas mais características da cultura popular. É um claro transmissor dos valores e dos costumes socialmente estabelecidos e permite-nos obter valiosa informação sobre o Homem e a sua cultura. Neste artigo vamos estudar concretamente os provérbios referentes à mulher e ao casamento.

A vida da mulher esteve vinculada durante séculos ao homem e este facto foi evidenciado no adagiário com a criação e a transmissão de um elevado número de provérbios sobre este assunto. Vamos analisar, portanto, provérbios sobre os seguintes temas: A vontade de casar ou não casar: *Antes solteira toda a vida que um dia mal casada*; a escolha do esposo ou esposa e os principais aspetos que é preciso ter em conta como a afinidade, a idade ou o lugar de origem: *Se queres bem casar, casa com teu igual*; *Não concorda com o velho a moça*; *De Espanha de bom vento nem bom casamento*. Comentaremos também provérbios relacionados diretamente com o casamento, como por exemplo: *À terça-feira, não cases a filha nem urdas a teia*; e por último, analisaremos alguns provérbios sobre as relações entre o marido e a mulher e o tratamento que esta deve receber: *O homem barca, a mulher arca*; *A mula e a mulher com pau se quer*.

Para realizar este estudo foi constituído um *corpus* de 2500 parémiás que se referem direta o indiretamente à mulher, retirados de diferentes coleções portuguesas desde a mais antiga: o "*Adagiário português*" de Teófilo Braga que utiliza fontes medievais até ao *Livro dos Provérbios Portugueses* de José Ricardo Marques da Costa de 1999.

Autor: Ana M^a Díaz Ferrero

3. Histórias que as palavras contam Carlos Alberto C. Afonso Escola Superior de Educação de Portalegre

Todas as palavras têm uma História. Nascem, vivem, evoluem. Algumas morrem. Muitas são adotadas de outras línguas.

Nesse processo de adoção e de integração no nosso léxico, perde-se, em grande parte dessas palavras, a raiz etimológica, não sendo raros os casos em que o significado que hoje lhes atribuímos se afastam dessa raiz.

É evidente que esse afastamento se justifica com as características de um "organismo vivo", como é a nossa língua. Mas até que ponto é aceitável perder-se uma ligação etimológica que enquadra a própria evolução linguística e ajuda a compreender o significado de cada palavra?

A partir de um conjunto de palavras de origem estrangeira utilizadas em Português, sobretudo oriundas da Língua Inglesa, pretende-se discutir a sua raiz etimológica e evolução, tendo em vista, sobretudo o modo como a nossa língua as adotou.

Discutem-se, também, de um ponto de vista não especializado, alguns casos polémicos na relação significado-significante e grafia-pronúncia.

O que une a comunidade lusófona, e que constitui, mesmo, a razão de ser para a sua existência, é, sem dúvida, o facto de todos falarmos a mesma língua. Mas será que, de facto, falamos todos a mesma língua? Será, talvez, mais apropriado dizer, não que falamos a mesma língua, mas que cada um dos povos da comunidade fala uma língua com uma origem comum a todos os outros, mas diferente de cada uma delas.

É verdade que "em Português nos entendemos", mas cada um de nós fala um Português diferente – a não ser assim, não haveria necessidade, como me dizem que acontece, que, por exemplo, uma audiência constituída maioritariamente por brasileiros tenha que usar tradução simultânea quando um português usa da palavra...

Haverá, então, uma matriz, um padrão que contenha em si os traços identificativos daquilo que é comum a todos nós? E será legítimo considerar que só essa matriz é que é Português?

Duas perguntas para duas respostas diferentes: afirmativa para a primeira, isto é, existe, de facto, uma matriz que identifica todos os nossos "Portugueses" como Português; negativa para a segunda, ou seja, que não é legítimo, longe disso, considerar que só essa matriz é que é Português.

Deixo para os especialistas a tarefa de apelarem à diversidade dos fenómenos que explicam o nascimento e a evolução de uma língua, de cada um dos "Portugueses" que falamos. Eles são, parece-me, **científicos**, isto é sobretudo linguísticos, **históricos**, isto é sobretudo os que explicam como o contacto entre os povos se iniciou e como evoluiu, e **culturais**, isto é sobretudo os que derivam da riqueza dos contributos locais e autóctones, mas também do contacto com outras culturas e outras línguas. Mas também podem ser **políticos**, **económicos**, **sociais**... Como veem, é uma tarefa demasiado complicada para ser devidamente abordada aqui e agora – sobretudo por mim, que não sou especialista em nenhuma das áreas.

Parafraseando Mia Couto, legítimo representante de um dos registos da nossa língua comum, "venho aqui brincar no Português, a língua. Essa que dá gosto a gente namorar e que nos faz a nós, moçambicanos, ficarmos mais Moçambique" (Couto, 2001) ou, permito-me alterar, que nos faz a nós, comunidade lusófona, ficarmos mais comunidade...

Limito-me, pois, neste "gosto da palavra, o mesmo que a asa sente aquando o voo" (id.)- as palavras continuam a ser de Mia Couto -, a fazer a constatação de que, falando todos Português, falamos um Português diferente.

E falamos todos Português porque temos a tal matriz comum que, depois, é enriquecida pela ocorrência dos tais fenómenos de que falava há pouco e que, por conseguinte, a modificam. E qual é, então, a nossa matriz comum? É um código linguístico que deriva do Indo-Europeu, do ramo Românico, constituído como *corpus* neste minúsculo retângulo à beira-mar, de onde derivou para outras partes do mundo. Como língua românica, o Português sofre, por definição, uma forte influência do Latim. Mas, seja na variante europeia ou africana, ou americana, foi incorporando outros contributos, de outras culturas, que fizeram dele a língua que cada um de nós hoje fala.

E é, precisamente, o contributo da cultura anglo-saxónica no Português atual que me leva a partilhar convosco as reflexões que apresento de seguida.

Cientificamente chamados de "estrangeirismos", os vocábulos que entram no *corpus* de uma língua vindos de uma outra língua, transformam-se, mais ou menos rapidamente, em vocábulos que perfilhamos e de cuja origem, não raro, perdemos a noção. Vou apresentar-vos três exemplos, que correspondem à influência de outros tantos fenómenos, de três vocábulos ou expressões que todos os "Portugueses" adotaram e incorporaram no seu dia a dia.

4. Uma experiência híbrida australiana em comunicação intercultural para tradutores e comunicadores profissionais num mercado global. J. Chrys Chrystello, Australia Council, University of Technology, Sydney, Australia Helena Chrystello, Universidade Aberta e ESEB Instituto Politécnico de Bragança

1. Introdução

A intenção deste trabalho foi a atualização de anteriores planos estratégicos governamentais sobre comunicações interculturais num meio ambiente multiétnico como a Austrália, num mercado global. Baseados em anteriores experimentações australianas neste campo, tentou-se mostrar como corrigir barreiras culturais e preconceitos e desenvolver perícias ajustadas às necessidades específicas dos utentes.

A preocupação mestra foi a falta de consulta, de coordenação de disseminação de anteriores tentativas bem-sucedidas e uma necessidade de educar as pessoas que lidam e se dirigem às comunidades como um todo, face às necessidades específicas dos NESB (pessoas de língua mãe não inglesa ou *Non-English speaking background*) nesta sempre mutante era de comunicações globais interculturais. Subsídios adequados aliados a uma pesquisa e programas de avaliação posterior são essenciais para o sucesso de qualquer iniciativa deste teor. Os profissionais de comunicação, tradutores e intérpretes muitas vezes não estão conscientes do problema ou adotam atitudes paternalistas de pseudoempatia.

Na Austrália, os maiores obstáculos, que as pessoas nascidas no exterior do país enfrentam, são uma efetiva falta de comunicação e de participação ativa; elas têm de ser ouvidas primeiro se queremos transmitir-lhes algum tipo de mensagem. Só depois de se definir o público-alvo, se definirá o que se vai enfatizar e como, para transmitir uma mensagem básica que possa ser transferida eficazmente para várias culturas e línguas sem as implicações normais à perda na tradução.

A mensagem melhor traduzida perde-se, muitas vezes, devido a pormenores relativos a etnia, credos, antecedentes culturais ou diferenças regionais no país de origem. Outras vezes, a tradução falha por ser demasiado generalista e ter jargão em excesso, para atingir um padrão linguístico básico ou por ser "localizada" para as elites em vez de se dirigir às minorias/ (maiorias) em desvantagem que muitas vezes são o verdadeiro público-alvo a quem a mensagem se dirige.

5. A ideologia e o traducional – um percurso Filipe Alves Machado Escola Secundária de Arcos de Valdevez

Os estudos de tradução protagonizaram uma mudança de rumo a partir dos anos oitenta. A preocupação exclusiva com os aspetos linguísticos deu lugar a um grande destaque aos problemas de ordem (inter)cultural que se põem sobre o ato tradutor. Procurar-se-á elaborar um pequeno percurso relativamente a esta evolução, utilizando posteriormente como exemplo o labor dos irmãos Campos e de Décio Pignatari, nas suas traduções de Mallarmé.

A teoria dos polissistemas

Ao longo dos anos 70 do século passado, Itamar Even-Zohar desenvolveu a sua teoria dos polissistemas. Nesta teoria, a obra literária não é estudada isoladamente, pois é parte integrante da organização social, cultural, literária e histórica de determinado grupo de indivíduos.

Visto como uma entidade dinâmica, onde todo o produto cultural se afirma ou desaparece em função de outros, num todo onde existem hierarquias, e onde se estabelecem posições centrais ou periféricas, o polissistema, um sistema de vários sistemas (1979: 290), é dominado por "processos de transferência", que se concretizam em "conversões". Aqui, Even-Zohar distancia-se da abordagem estética tradicional, sempre debruçada sobre "grande literatura", menosprezando a literatura infantil, *best-sellers* (*thrillers*, novelas sentimentais, etc.), ou a literatura traduzida, que influem na centralidade ou na periferia da obra literária.

Acerca da tradução, Even-Zohar considera que tem uma função primária (a criação de novos géneros e estilos) e outra secundária (a reafirmação de géneros e estilos já existentes). A primeira função verifica-se em sistemas literários "jovens" com sistemas literários "débeis". A tradução situa-se assim no centro literário do sistema, e neste sentido a teoria dos polissistemas torna-se fundamental no estudo das literaturas de nações que estão em pleno desenvolvimento e afirmação dos seus sistemas literários. Com a segunda função passa-se precisamente o inverso: a tradução torna-se marginal nas sociedades já desenvolvidas e com uma forte tradição artística (1990: 47).

6. O MITO DE BABEL: CONTRA A DESAGREGAÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA José Luís Fontenla, Dr., Presidente da Comissão Galega do Acordo Ortográfico e das Irmandades da Fala da Galiza e Portugal, Delegado da Sociedade da Língua Portuguesa.

Em homenagem aos saudosos amigos profs. Lapa, Cunha, Cintra, G. Da Cal, Azevedo Ferreira, Herculano de Carvalho, Houaiss, Chaves de Melo, Coseriu, defensores da Lusofonia da Galiza, in memoriam.

Introdução

Vestígios do mito de Babel se mantêm ainda na maneira de pensar a Língua Portuguesa já no terceiro milénio, no séc. XXI, por falta de uma política comum de planeamento linguístico (*language planning*) em defesa da unidade estrutural da Língua Portuguesa, seja ela considerada sincrónica ou diacronicamente (Fontenla) ¹.

Destarte a segunda língua românica do mundo, terceira Europeia de cultura de dimensão internacional e intercontinental, falada nos cinco continentes por mais de 240 milhões de utentes (UNESCO) ², nascida na velha Gallaecia romana, que chegava até ao Mondego, e levada a dois terços do mundo pelos Portugueses com os Descobrimientos, não tem uma política coerente que a divulgue e promova em toda a parte.

Além do mais, o diferendo Luso-Brasileiro, que permite a existência do Português Europeu (PE) e do Português do Brasil (PB), com leves diferenças de pronúncia, léxico, etc. está a criar derivas da língua e a pôr em questão a unidade estrutural profunda da língua Portuguesa, embora exista um Acordo Ortográfico de 1986 e 1990, que unifica tanto quanto possível, a escrita da nossa Língua.

O curioso é que a Língua Portuguesa tem uma unidade estrutural superior à do Espanhol, do Francês, etc., e que o nosso diassistema possui uma Gramática do Português Contemporâneo desde 1984 (CINTRA,

¹ FONTENLA, J.L. "Ortografia, ortologia, ortofonia. Terminologia no futuro do Português", pp. 202-223, Atas do Congresso "Lusofonia a Haver", Sociedade da Língua Portuguesa, revista "Língua e Cultura", 2000, Lisboa; o mesmo texto com o título "Lusofonia/Lusografia face ao III milénio" saiu na revista da Universidade Lusófona de Lisboa, 2000, Lisboa; ainda: "Problemas da Língua Portuguesa" pp. 39-54, in Cadernos Vianenses, tomo 30, Câmara Municipal de Viana do Castelo, 2001 e "Sobre o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa", pp. 147-152, Atas do II Congresso Internacional O Espaço Lusófono de 1998, Universidade Estatal de S. Petersburgo, Faculdade de Letras, Centro de Estudos Luso-Brasileiros, Universidade de S. Petersburgo, 2001; "O Português Possível", revista IBIS, da Ass. De Jornalistas e Homens de Letras do Alto Minho, Viana do Castelo, 2002

² ESTRELA, E. "A Língua Portuguesa na Diáspora", Mealibra, Viana do Castelo, 1999, pp. 9-13

CUNHA)³, que abrange os dialetos Galegos, Portugueses e Brasileiros. Também possui um Acordo da Ortografia Unificada desde 1990 (FONTENLA)⁴ e um Dicionário da Academia das Ciências de Lisboa desde 2001⁵, com transcrição fonética correspondente ao Português Europeu, que seguem a Galiza, Portugal, os PALOP, Timor, etc., além de organismos internacionais (UE, OMS, OIT, AIJ, etc.) como reconhecem alguns autores (SE ABRA)⁶.

Apesar da unidade estrutural da Língua Portuguesa, alguns autores tencionam, a partir de perspectivas dialetológicas, manter como que resíduos do mito de Babel, invocando a fragmentação da língua, as derivas (drifts) ou até a sua desagregação na Galiza, Portugal, Brasil, PALOP, etc.

Assim, na Galiza, diversas pessoas ignaras impõem a ortografia e a morfologia castelhanas ao Português da Galiza (MARTINHO)⁷, língua da lusofonia (FONTENLA)⁸ de costas voltadas ao Parlamento, por Decreto; a 20 de abril de 1983, pelo Conselheiro (Ministro) adjunto ao Presidente para a Cultura (sic) Filgueira Valverde, é publicado o Decreto 173/1982 de 17 de novembro sobre a normatização da Língua Galega (sic) e por lei 3/1983 de 15 de junho se estabelece para já, no Diário Oficial da Galiza, a 14 de julho, a Lei de Normalização Linguística. Destarte se enceta a desagregação da língua Portuguesa na Galiza, com o protesto de professores, escritores, intelectuais, deputados, entidades de ensino, investigação e pesquisa e sindicatos galegos, etc. (FONTENLA)⁹.

Cabedelo, Viana do Castelo, Portugal, 2002

Dr. José Luís Fontenla

7. A Língua Portuguesa como traço de união entre culturas. O caso do manual escolar, Laura Branco, Ministério da Educação, Lúcia Vidal Soares Escola Superior de Educação de Lisboa

Quem elabora **manuais escolares** não pode contentar-se em levar em linha de conta unicamente os eixos pedagógicos (como?) e científico (o quê?). O seu trabalho increve-se num quadro mais vasto que tem que responder ao "porquê?". No caso do manual de língua, ele **reflete** uma sociedade. E que representação da sociedade subentende o manual? Como representa outras sociedades?

Estas preocupações não visam apenas o autor de manual, mas dependem igualmente de todo o contexto cultural no qual este se insere. Encontram-se, normalmente, expressas na denominada política educativa. Mas uma política educativa não nasce do nada. Fundamenta-se em: opções de base que levam em conta as prioridades individuais e sociais; valores; na **concepção** do conhecimento e da cultura, etc...

Uma metodologia construída à volta da relação Língua/Civilização retém o princípio de uma ligação unívoca e indissociável entre a língua e a cultura ensinadas e também sobre uma coerência intracultural

Hoje, apreço-se o ensino comunicativo da língua, mas comunicar não é apenas um meio através do qual se enviam mensagens, mas é sobretudo um meio de interagir com o Outro; comunicar com alguém requer igualmente o estabelecimento de uma relação humana. Mas é ao aprendente de língua estrangeira que compete estabelecer a ligação entre as duas culturas (a sua cultura de origem e a cultura da língua que está a adquirir),

Este tem que adquirir não só uma certa forma de **comunicação intercultural**, isto é, capacidade de comunicar (no sentido de estabelecer uma relação humana e ainda no sentido de apreender os significados específicos da cultura corporizados nessa língua).

LaLiTa - Laboratório Linguístico Telemático

Lúcia Vidal Soares, Mário Maia, Escola Superior de Educação de Lisboa

Apresentação do projeto

Situando o **Projeto Lalita** em contexto nacional, podemos defini-lo como um Laboratório Linguístico Telemático (LaLiTa), especialmente destinados a adultos com conhecimento inicial da língua portuguesa. A nível europeu, estão envolvidas outras línguas: o italiano e o castelhano

Pretende-se, assim, atingir um público diverso que tanto pode ser o migrante que necessita de se apropriar da língua do país de acolhimento, como o cidadão europeu que procura um espaço para se exercitar numa das três línguas em questão.

Além dos **aspectos** linguísticos e culturais, este **projeto** permite uma certa familiarização com as novas tecnologias de informação.

O **projeto** é coordenado pelo Cid de Roma e nele participam além da Escola Superior de Educação de Lisboa, a Fundação Tomillo de Madrid. Em Portugal, o grupo duro é constituído por Lúcia Soares e Mário Maia, tendo contado, numa fase inicial, com a participação de Paulo Feytor Pinto da APP. Em Itália, o **projeto** é apoiado pela Universidade de Roma IV

³ Nova Gramática do Português Contemporâneo, Sá da Costa, Lisboa, 1984

⁴ FONTENLA, J.L. "Sobre o acordo ortográfico..." citado supra

⁵ Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa, ed. Verbo, Lisboa, 2001

⁶ SEABRA, J.A. "Situação da Língua Portuguesa nos organismos do sistema das Nações Unidas" revista ICALP, n.º 11, p.73, Lisboa, 1988

⁷ MONTERO SANTALHA, J. MARTINHO "A Lusofonia e a Língua Portuguesa da Galiza: Dificuldades do Presente e Tarefas para o futuro", Atas do Congresso Internacional de Língua, Cultura e Literaturas Lusófonas de 1994, Temas do Ensino de Linguística, Sociolinguística e Literatura, Ponte Vedra - Braga, 1990.

⁸ FONTENLA, J.L. "Língua da Lusofonia, o Português da Galiza" O Mundo da Língua Portuguesa (Galiza, Portugal, Brasil, PALOP), Atas do III congresso Internacional de Literatura Lusófona: revista NÓS, Ponte Vedra — Braga, 1995, pp. 25-32 e "Ressurgimento Galego, Essa Lusofonia", Temas do Ensino de Linguística, Sociolinguística e Literatura, VV.AA., Ponte Vedra — Braga, 1990.

⁹ FONTENLA, J.L. "Presente e futuro do Galego: análise sociojurídica do decreto de normatização e das leis de normalização autonómicas" in Temas do Ensino, Ponte Vedra — Braga, pp. 157-174, 1985

Commented [Lince1]: Abril convertido para abril

Commented [Lince2]: Novembro convertido para novembro

Commented [Lince3]: Junho convertido para junho

Commented [Lince4]: Julho convertido para julho

Commented [Lince5]: reflecte convertido para reflete

Commented [Lince6]: concepção convertido para conceção

Commented [Lince7]: projecto convertido para projeto

Commented [Lince8]: Projecto convertido para Projeto

Commented [Lince9]: aspectos convertido para aspetos

Commented [Lince10]: projecto convertido para projeto

Commented [Lince11]: projecto convertido para projeto

Commented [Lince12]: projecto convertido para projeto

8. Língua Portuguesa, Matriz de Identidade / Alteridade Cultural — Paradigmas Subjacentes ao Discurso Pedagógico Oficial, Maria José Cerqueira da Costa Matos Frias, Escola Superior de Educação/Instituto Politécnico do Porto

SINOPSE

O conceito de Língua Materna como fator de identidade nacional encontra-se consignado na Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE) português e justificado teoricamente pela função primária modelizante do mundo da língua, tal como a definiu Lotman.

A partir desta fundamentação, procedo a uma leitura de Textos Oficiais que recontextualizaram o enunciado da LBSE, no sentido de explicitar os paradigmas subjacentes ao Discurso da Reforma Educativa dos anos 90. Analisarei, a seguir, o Programa de Língua Portuguesa do 2º ciclo do Ensino Básico, com o propósito de verificar como se encontra aí objetivado cada um dos paradigmas. Subsidiariamente, nesta análise, serão consideradas as articulações com os programas do 1º e do 3º ciclos para constatação de continuidades e/ou de rupturas ao longo do Ensino Básico.

Numa perspetiva evolutiva, enquadrarei ainda o Programa do ciclo em apreço no conjunto de Programas que se sucederam desde a sua criação como Ciclo Preparatório do Ensino Secundário (CPES), no quadro da Reforma de Veiga Simão em 1968, até à atualidade, selecionando três grandes datas em que houve alterações programáticas de fundo — 1968, 1975, 1978.

Ao proceder a uma análise de conteúdo, a partir da coordenada de leitura que seleccionei, pretendo dar a ver, de forma estruturada, não só o que se encontra de facto expresso nos Programas, mas também a produtividade de conceitos ou de tópicos programáticos que o desenvolvimento curricular pode vir a objetivar, ultrapassando uma leitura muitas vezes parcial e passadista da função da língua materna apenas como expressão da cultura enquanto legado, para incorporar outras dimensões estruturantes da identidade e da alteridade linguística e cultural.

Referir-me-ei aqui à escola como lugar de produção/construção cultural e de educação intercultural, que se efetive no desenho e implementação de projetos no âmbito dos quais sejam contempladas intenções e ações de abertura a outras culturas, no contexto da comunidade linguística portuguesa, no quadro nacional e internacional.

9. Quatro contextos, uma língua: reflexões em torno da lusofonia¹⁰ Regina Helena Pires de Brito Universidade Presbiteriana Mackenzie – São Paulo – Brasil

Síntese - Entendida como um sistema de comunicação linguístico-cultural no âmbito da língua portuguesa e nas suas variantes diatópicas e diastráticas, a lusofonia compreende os países que a adotam como língua materna (Portugal e Brasil); língua oficial (PALOP e Timor-Leste); língua de uso (Macau, Goa, Damão, Malaca); além das comunidades constituintes da chamada "diáspora lusófona".

Esta síntese do mundo lusófono, que se expande pelos quatro cantos do mundo e é abarcada no conceito de lusofonia – pretende conciliar diversidades linguísticas e culturais com a unidade estruturante do sistema linguístico. Examinar a língua portuguesa como instrumento construtor da identidade em países lusófonos, no caso Timor-Leste e Moçambique - esta é a direção que seguem as reflexões aqui apresentadas.

10. Deslocamentos geográficos e de identidade: um estudo da (re-)construção de identidade de imigrantes portugueses e brasileiros¹¹ Maria do Carmo Leite de Oliveira¹² Sonia Bittencourt Silveira¹³

RESUMO: Narrativas têm sido reconhecidas como uma poderosa forma de criar e negociar identidades (cf. Linde, 1993). Histórias de vida constituem um locus privilegiado para o exame das singularidades e generalidades envolvidas no processo de adaptação e mudança de identidade dos imigrantes (cf. Ting-Toomey, 1999:255). Este trabalho tem como foco os relatos das trajetórias de imigração de portugueses, vindos para o Brasil no início do século XX, e de brasileiros, indo para Portugal no fim do século XX. A partir do modelo tipológico de identidade cultural e étnica, proposto por Berry et al (1987), pretendemos investigar que fatores antecedentes são relevantes para a construção da identidade dos imigrantes. Tomamos como parâmetros para nossa análise os fatores influentes nos processos de adaptação intercultural e mudança de identidade, discutidos por Ting-Toomey (op.cit.). Nossa análise revela que, além das diferenças dos momentos históricos em que ocorreram as imigrações, são determinantes, para o sentimento de diferentes graus de "pertencimento" ao novo grupo, os seguintes fatores relacionados à cultura hospede: (i) as condições sócio-econômicas; (ii) a atitude frente ao processo migratório e (iii) a distância/proximidade entre as culturas. Mostraram-se relevantes, em termos de fatores pessoais, (i) a orientação que motivou a imigração, (ii) os tipos de expectativas trazidas; (iii) os atributos individuais e (iv) o grau de conhecimento dos imigrantes com relação à cultura hospede e, em particular, às suas normas de interação.

Commented [Lince13]: expectativas convertido para expetativas

¹⁰ Parte de pesquisa de Pós-Doutoramento em curso, sob a orientação do Prof. Dr. Moisés de Lemos Martins (Instituto de Ciências Sociais - Universidade do Minho).

¹¹ Este trabalho é um dos resultados do Projeto de pesquisa *Discurso e Prática Sociocultural em Empresas Luso-Brasileiras*, desenvolvido em Portugal, pela Universidade de Lisboa, e no Brasil, pela PUC-Rio, PUC-SP e UFJF, com o apoio dos órgãos de fomento CAPES/ ICCTI.

¹² Professora de Linguística da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – RJ/ Brasil

¹³ Professora de Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora- MG/Brasil

11. Língua Portuguesa no Limiar do Século XXI J. M. MATIAS

Sinopse da Comunicação:

A conferência fará uma reflexão sobre o que em nosso entender é essencial para que uma Língua seja **Global**. Em seguida abordaremos a situação da Língua Portuguesa hoje no mundo e suas perspectivas para o século XXI.

12. DE OLIVEIRA, SUSANA, SAINT DOMINIC'S INT'L SCHOOL, PORTUGAL

SINOPSE: O PLE NO PROGRAMA DE ENSINO DO IB – INTERNATIONAL BACCALAUREAT: O MODELO DA ESCOLA SAINT DOMINIC'S INTERNATIONAL SCHOOL, PORTUGAL

Proponho-me a apresentar o currículo de PLE adotado na escola Saint Dominic's International School, escola que pertence ao sistema de ensino do IB. O International Baccalaureat é um sistema de ensino comum a muitas escolas internacionais espalhadas pelo mundo fora, que tem as suas próprias normas, exames, etc. O IB contempla o português como língua estrangeira e materna (nomeadamente nas escolas em Portugal, no Brasil, nos outros países dos PALOP e em algumas outras escolas no mundo). O IB está subdividido em vários programas desde a primária até ao secundário: Ensino primário e médio: Primary Years Program; Ensino secundário: Middle Years Program; Últimos dois anos do ensino secundário: IB Diploma. O meu objetivo é explicar como o português é integrado nestes programas e qual o currículo e os níveis de português envolvidos. Veja-se o esquema do sistema de ensino, para que seja de mais fácil entendimento.

Notas: Texto original de Susana De Oliveira

Commented [Lince14]: perspectivas convertido para perspectivas